As Três Princesas de Hvidtenland

Jørgen Engebretsen Moe

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um pescador que morava perto do palácio e pescava para a mesa do rei. Um dia, quando saiu para pescar, não apanhou absolutamente nada; podia fazer o que quisesse, pescar de um jeito ou de outro, que nem um osso ficava no anzol. Mas, quando o dia já ia avançado, uma cabeça apareceu fora da água e disse:

— Se eu receber o que sua mulher carrega debaixo do cinto, você terá peixe de sobra!

O homem respondeu logo que sim, pois não sabia que ela estava grávida. Daí em diante, peixe não lhe faltava durante o dia, pode crer, e tanto quanto queria ter. Mas, quando chegou em casa à noite e contou como conseguira todo aquele peixe, a mulher começou a se lamentar e a chorar, pedindo a Deus que a consolasse e amparasse diante da promessa que o marido fizera; pois carregava uma criança debaixo do cinto, disse ela. Logo se contou no palácio que a mulher estava tão aflita; quando o rei soube disso e perguntou a razão, prometeu tomar a criança aos seus cuidados e procurar salvá-la. O tempo foi passando e, quando chegou a hora, a mulher deu à luz um menino. O rei o tomou aos seus cuidados e o criou como filho próprio, até o rapaz ficar crescido.

Um dia, ele pediu licença para acompanhar o pai na pesca; tinha tanta vontade disso, disse. O rei não queria permitir, mas, por fim, o rapaz conseguiu licença, foi com o pai e tudo correu muito bem o dia inteiro, até chegarem à terra à noite. O filho, porém, esquecera seu lenço e quis saltar para dentro do

barco para buscá-lo. Mas, assim que entrou, o barco começou a partir com ele, fazendo a água espumar à sua volta; por mais que o rapaz resistisse com os remos, não adiantava. O barco foi e foi a noite inteira e, por fim, chegou muito, muito longe, a uma praia branca. Ali ele desembarcou e, depois de andar um trecho, encontrou um velho de barba branca e comprida.

— Como se chama este lugar? — perguntou o rapaz.

— Hvidtenland — respondeu o homem.

Então pediu ao rapaz que dissesse de onde vinha e o que queria, e o rapaz lhe contou.

— Pois bem — disse o homem —, se você seguir por esta praia, chegará a três princesas que estão enterradas, com apenas a cabeça para fora. A primeira, que é a mais velha, vai chamá-lo e pedir com muita doçura que se aproxime e a ajude, e a segunda fará o mesmo. Mas você não deve se aproximar de nenhuma delas; passe depressa, como se nunca as tivesse ouvido nem visto. Da terceira, porém, você deve se aproximar e fazer o que ela pedir. Isso será a sua felicidade.

Quando o rapaz chegou à primeira princesa, ela o chamou e lhe pediu com tanta ternura que se aproximasse; mas ele passou como se não a tivesse visto. Do mesmo modo passou pela segunda; da terceira, porém, aproximou-se.

— Se você fizer o que eu disser, poderá ficar com aquela de nós três que quiser — disse a princesa.

Sim, ele faria de bom grado. Ela então contou que três trolls haviam enterrado as três ali; antes, porém, elas moravam no palácio que ele podia ver lá adiante, no bosque.

— Agora você deve entrar no palácio e deixar que os trolls o açoitem uma noite por cada uma de nós — disse ela. — Se conseguir suportar isso, você nos salvará.

O rapaz respondeu que haveria de tentar.

— Ao entrar — continuou a princesa —, você encontrará dois leões no portão. Mas, se passar bem pelo meio deles, eles não lhe farão nada. Siga então diretamente para um quartinho escuro e deite-se ali. O troll virá e o espancará; mas então você deve pegar o frasco pendurado na parede e passar seu conteúdo onde ele o tiver golpeado, e ficará tão bom quanto antes. Pegue depois a espada pendurada ao lado do frasco e mate o troll a golpes.

Ele fez como a princesa dissera: passou bem no meio dos leões, como se não os visse, entrou direto no quartinho e se deitou. Na primeira noite, veio um troll com três cabeças e três varas, que açoitou o rapaz terrivelmente; mas ele aguentou até o troll terminar. Então pegou o frasco e se ungiu, pegou a espada e matou o troll com ela. Quando saiu pela manhã, as princesas estavam com o corpo para fora da terra até a cintura. Na segunda noite aconteceu o mesmo; mas o troll que veio tinha seis cabeças e seis varas e o açoitou ainda pior que o anterior. Quando ele saiu naquela manhã, porém, as princesas estavam para fora da terra até a canela. Na terceira noite, veio um troll com nove cabeças e nove varas; bateu e açoitou o rapaz tanto tempo que ele acabou desmaiando. Então o troll o pegou e o atirou contra a parede; com isso, o recipiente caiu e seu conteúdo se derramou sobre ele, que ficou tão bom quanto antes. Ele não perdeu tempo: pegou a espada e matou o troll a golpes. Quando saiu do palácio naquela manhã, as princesas estavam inteiramente fora da terra. Então tomou a mais nova delas como sua rainha e viveu muito bem com ela durante muito tempo.

Mas, por fim, sentiu vontade de voltar um pouco para casa e visitar os pais. Sua rainha não gostou disso; porém, como ele tinha tanta saudade e por fim precisava e queria mesmo partir, ela lhe disse:

— Uma coisa você deve me prometer: fará somente o que seu pai lhe pedir, mas não o que sua mãe lhe pedir.

Ele prometeu. Ela então lhe deu um anel que permitia a quem o usasse desejar duas coisas, quaisquer que fossem. Ele desejou estar em casa, e os pais não se cansavam de se admirar ao ver como estava magnífico e bem-apessoado.

Depois de ele passar alguns dias em casa, a mãe quis que fosse ao palácio mostrar ao rei o homem em que se transformara. O pai disse:

— Não, ele não deve fazer isso, pois assim não poderemos desfrutar de sua companhia durante esse tempo.

Mas não adiantou: a mãe pediu e implorou tanto que ele foi. Ao chegar lá, estava mais magnífico nas roupas e em tudo que o outro rei. Este não gostou muito daquilo e disse:

— Pois é, mas agora você pode ver como é minha rainha; eu é que não posso ver a sua. Não acredito que você tenha uma rainha tão bela.

— Deus queira que ela estivesse aqui, e você veria! — disse o jovem rei.

E ela apareceu ali imediatamente. Mas estava muito triste e lhe disse:

— Por que você não me obedeceu nem ouviu o que seu pai lhe disse? Agora preciso voltar para casa imediatamente, e você já gastou seus dois desejos.

Dito isso, amarrou nos cabelos dele um anel que tinha o nome dela escrito e desejou estar em casa.

O jovem rei ficou profundamente triste. Dia após dia, só pensava em como voltar para sua rainha. “Vou ver se consigo perguntar em algum lugar onde fica Hvidtenland”, pensou, e saiu pelo mundo. Depois de caminhar algum tempo, chegou a uma montanha e encontrou alguém que era senhor de todos os animais do bosque, pois eles vinham quando ele soprava uma trompa que tinha. O rei perguntou por Hvidtenland.

— Pois eu não sei — respondeu o homem —, mas vou perguntar aos meus animais.

Então os chamou com a trompa e perguntou se algum sabia onde ficava Hvidtenland; mas nenhum sabia. O homem lhe deu um par de esquis.

— Quando você subir nestes — disse —, chegará à casa de meu irmão, que mora a cem milhas daqui. Ele é senhor de todas as aves do céu; pergunte a ele! Quando chegar, basta virar os esquis com as pontas voltadas para cá, e eles voltarão sozinhos para casa.

Quando o rei chegou lá, virou os esquis como o senhor dos animais dissera, e eles voltaram.

Perguntou de novo por Hvidtenland. O homem chamou todas as aves com a trompa e perguntou se alguma sabia onde ficava Hvidtenland. Não, nenhuma sabia. Muito depois das outras aves veio também uma águia velha, que estivera ausente dez anos inteiros; mas ela também não sabia.

— Pois bem — disse o homem —, vou lhe emprestar um par de esquis. Quando subir neles, chegará à casa de meu irmão, que mora a cem milhas daqui; ele é senhor de todos os peixes do mar. Você deve perguntar a ele. Mas não se esqueça de virar os esquis de novo!

O rei agradeceu, subiu nos esquis e, quando chegou à casa do senhor dos peixes do mar, virou-os; eles voltaram como os anteriores. Então perguntou de novo por Hvidtenland.

O homem chamou os peixes com a trompa, mas nenhum sabia informar. Por fim veio um lúcio muito, muito velho, que ele teve muita dificuldade em fazer vir com a trompa. Quando lhe perguntou, ela disse:

— Sim, conheço bem aquele lugar, pois faz dez anos que sou cozinheira lá. Amanhã devo voltar, porque a rainha cujo rei está desaparecido vai se casar com outro.

— Sendo assim, vou lhe dar um conselho — disse o homem. — Ali num brejo há três irmãos que estão lá há cem anos, brigando por um chapéu, uma capa e um par de botas. Quem tiver as três coisas poderá ficar invisível e desejar ir tão longe quanto quiser. Você pode lhes dizer que quer experimentar as coisas e depois julgar a questão entre eles.

O rei agradeceu, foi e assim fez.

— Por que vocês ficam aqui brigando sem parar? — perguntou aos irmãos. — Deixem que eu experimente as coisas, e julgarei a questão entre vocês.

Eles aceitaram de bom grado; mas, depois de receber o chapéu, a capa e as botas, ele disse:

— Da próxima vez que nos encontrarmos, vocês ouvirão o julgamento!

E, com isso, desejou partir.

Enquanto voava, encontrou o Vento Norte e seguiu em sua companhia.

— Para onde você vai? — perguntou o Vento Norte.

— Para Hvidtenland — respondeu o rei, contando o que lhe acontecera.

— Pois é — disse o Vento Norte —, você certamente vai um pouco mais depressa. Eu ainda preciso entrar em cada canto, soprar e dar rajadas. Mas, quando chegar, fique na escada, ao lado da porta; eu chegarei zunindo, como se fosse derrubar o palácio inteiro. Quando o príncipe que vai ficar com sua rainha sair para ver o que está acontecendo, agarre-o pela nuca e o jogue para fora, que eu vou tentar dar um jeito de tirá-lo dali.

O rei fez como o Vento Norte dissera. Ficou na escada e, quando o Vento Norte chegou zunindo e rugindo e deu um puxão na parede do palácio, de modo que ele estremecia, o príncipe saiu para ver o que estava acontecendo. Mas, assim que apareceu, o rei o pegou pela nuca e o jogou para fora; então o Vento Norte o apanhou e partiu com ele. Depois de se livrar dele, o rei entrou no palácio. A princípio, a rainha não o reconheceu, pois ele ficara tão magro e pálido de tanto andar e sofrer por tanto tempo. Mas, quando lhe mostrou o anel, ela ficou profundamente feliz; e então se celebrou o verdadeiro casamento, de que se falou por toda parte.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Marcelo Castro Barbosa, assistido por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/as-tres-princesas-de-hvidtenland-moe